

EDITORA



UnB

Wivian Weller e André Lúcio Bento (Org.)

ENSINO MÉDIO PÚBLICO NO DISTRITO FEDERAL

**TRABALHO PEDAGÓGICO E
APRENDIZAGENS EM
SALA DE AULA**

**ENSINO
MÉDIO
PÚBLICO NO
DISTRITO
FEDERAL**





Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira
: Fernando César Lima Leite
: Beatriz Vargas Ramos Gonçalves de Rezende
: Carlos José Souza de Alvarenga
: Estevão Chaves de Rezende Martins
: Flávia Millena Biroli Tokarski
: Izabela Costa Brochado
: Jorge Madeira Nogueira
: Maria Lidia Bueno Fernandes
: Rafael Sanzio Araújo dos Anjos
: Verônica Moreira Amado

EDITORA



UnB

Wivian Weller e André Lúcio Bento (Org.)

**ENSINO
MÉDIO
PÚBLICO NO
DISTRITO
FEDERAL**

**TRABALHO PEDAGÓGICO E
APRENDIZAGENS EM
SALA DE AULA**

Equipe editorial
Preparação e revisão : Denise Pimenta de Oliveira
Diagramação e Capa : Wladimir de Andrade Oliveira

© 2018 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF
Telefone: (61) 3035-4200
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação
poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem
a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

E59 Ensino Médio público no Distrito Federal : trabalho pedagógico
 e aprendizagens em sala de aula / Wivian Weller e André
 Lúcio Bento, [organização]. – Brasília : Editora Universidade
 de Brasília, 2018.
 380 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-230-1214-4.

1. Ensino Médio – Distrito Federal Federal (Brasil).
Escoltação de professores. 4. Trabalho pedagógico. I. Weller,
Wivian, (org.). II. Bento, André Lúcio, (org.).

CDU 37(817.4)

SUMÁRIO

Introdução...7

André Lúcio Bento e Wivian Weller

Capítulo 1. A contribuição da formação continuada para a organização do trabalho pedagógico da escola de ensino médio...19

Edileuza Fernandes Silva

Capítulo 2. Linguística e ensino: um diálogo fundamental para o ensino de Língua Portuguesa...49

Tiago de Aguiar Rodrigues e Dionei Moreira Gomes

Capítulo 3. Uma boa aula de Biologia na percepção de estudantes do ensino médio...81

Ana Júlia Pedreira e Maria Helena da Silva Carneiro

Capítulo 4. Ensino de Química e rotulagem de embalagens de alimentos: um texto de apoio ao professor de Química...107

Cleoman da Silva Porto

Capítulo 5. Do discurso à prática: a concepção da avaliação da aprendizagem escolar entre professores de Biologia no ensino médio público do Distrito Federal...133

Ruth Longuinho de Moraes e Sandramara Matias Chaves

Capítulo 6. Percepções de professores de Matemática de ensino médio em relação à avaliação da aprendizagem: implicações na formação profissional docente...171

Valdir Sodré dos Santos e Cleyton Hércules Gontijo

Capítulo 7. Estratégias de estudantes de ensino médio na aprendizagem matemática com resolu o de problemas e atividades lúdicas...211

Maria Dalvirene Braga e Ant nio Villar Marques de S 

Capítulo 8. Matemática no ensino médio ancorada na Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP)...241

Kleber Xavier Feitosa

Capítulo 9. Coordena o pedagógica em Educa o Física: o impacto das escolhas curriculares na autonomia de estudantes de ensino médio...271

Isabelle Guirelli Simões de Oliveira

Capítulo 10. “Eu sempre tive assim essa vontade de aprender...”: línguas estrangeiras no cotidiano de jovens de escolas públicas no Distrito Federal...299

Denise Gisele de Britto Damasco e Wivian Weller

Capítulo 11. “A gente não quer s  comida”: estudo da representa o dos estudantes sobre o Ensino Médio Inovador...335

Graziela Jacynto Lara

Sobre os autores...371

CAPÍTULO 11

“A GENTE NÃO QUER SÓ COMIDA”: ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO DOS ESTUDANTES SOBRE O ENSINO MÉDIO INOVADOR

Graziela Jacynto Lara

Introdução

Desde sua inclusão na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional como etapa final da educação básica, o ensino médio tem sido tema de debate. Passou por duas reformas importantes, especificamente no que diz respeito ao currículo, desde a década de 1990. Entre as tentativas mais recentes de incentivo e mudança nessa etapa, tem-se o Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI), instituído pela Portaria nº 971, de 9 de outubro de 2009, que faz parte das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). É pautado pela necessidade de proporcionar aos jovens estudantes situações de aprendizado significativas, aproximando a escola dos interesses e da cultura juvenis.

Diante desse quadro, estas reflexões¹ visam demonstrar a opinião dos jovens em relação ao ProEMI e analisar como a participação da escola nesse programa modificou a sua vida escolar. Por meio do método documental, foi possível interpretar as orientações coletivas dos jovens com base nas representações de seu meio social e nas suas percepções a respeito da sua escola, do ensino médio e do Programa Ensino Médio Inovador.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)

Ao longo da década de 1980, ocorreram o arrefecimento da ditadura militar e a progressiva redemocratização do sistema político brasileiro. Em 1987, iniciaram-se os trabalhos da Assembleia Constituinte e, depois de 18 meses, a Constituição da República Federativa do Brasil foi promulgada, no final de 1988. Durante esse período, houve vários projetos de lei que pretendiam intervir nas questões relativas à educação. Assim surgiram as ideias que desembocaram na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Os trabalhos de elaboração do projeto de lei que viabilizaria a LDB se iniciaram logo após a promulgação da Constituição Federal, ainda em dezembro de 1988.

O debate sobre a identidade do ensino médio é bastante intenso há algumas décadas no Brasil. Sua essência está em vários pontos de discussão, tais como: o tipo de ensino médio que deve prevalecer; se

¹ Este capítulo é um recorte da dissertação de Mestrado ... *a gente não quer só comida...: estudo da representação dos estudantes sobre o Ensino Médio Inovador*, defendida por Graziela Jacynto Lara, no ano de 2013, sob orientação do professor Remi Castioni, no Programa da Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, na Universidade de Brasília.

uma orientação humanística coloca a formação da autonomia individual, cultural, econômica e política em primeiro plano; a questão profissionalizante e pragmática do ensino e ainda o ensino médio simplesmente como uma etapa de continuidade do ensino fundamental. Mesmo sem chegar a um consenso, nos pareceres do Ministério da Educação prevaleceu a lógica mercantilista, na medida em que se prioriza uma educação que leva à transformação de pessoas em mão de obra qualificada, apresentando certas competências e atitudes para que o indivíduo tenha alguma possibilidade de conseguir emprego e/ou manter-se empregado.

Essa característica manipuladora não foi exclusividade do governo vigente no período da aprovação da LDB. Ela permeia todo o histórico da educação no Brasil. Ao longo das décadas seguintes, cada governo alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação do modo como entendia ser mais conveniente, de acordo com seu posicionamento político e ideológico.

O percurso curricular em busca do princípio educativo para o ensino médio por meio dos pareceres do MEC

Destacam-se três pareceres como os mais significativos que foram publicados depois da promulgação da LDB, em 1996, pois determinam as características que o ensino médio deverá assumir. O papel dos pareceres do Conselho Nacional de Educação (CNE) e da Câmara de Educação Básica (CEB) é ser o elo entre o que dispõe a LDB e a prática pedagógica na escola. Eles esmiúçam, facilitam a compreensão dos professores e gestores, para que o planejamento e o fazer em sala de aula atendam ao que está disposto em lei. Eles têm caráter mutável e adaptável às realidades vindouras; assim sendo, deverão sempre ser

reformulados e reconstruídos de acordo com as transformações sociais (Parecer CNE/CEB nº 15/1998, p. 5).

Observam-se cinco características principais no discurso do Parecer nº 15/1998 que merecem atenção mais detalhada: o alinhamento com organismos internacionais; a organização do currículo segundo o princípio de contextualização e o ensino por competências; as finalidades de formação geral e preparação básica para o trabalho; a visão idealizada e/ou romantizada da escola; e, por último, a concepção de jovem como um ente abstrato, um sujeito inexistente.

O segundo documento analisado, Parecer CNE/CEB nº 5/11, determina as *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio* (DCNEM). O ponto diferenciador desse novo parecer é justamente a concepção a respeito do jovem não mais como ator, mas sim como agente produtor do seu destino e de sua realidade social. Aqui ele passa a ser considerado parte importante da problemática que envolve a escola, seus desafios e seus sucessos.

Por último, o Parecer CNE/CP nº 11/2009, relativo ao documento *Ensino Médio Inovador*, apresentado pelo MEC em setembro de 2009. A primeira parte é dedicada aos detalhes do referido documento e, em seguida, é relatado o parecer do respectivo Conselho. O programa ao qual esse documento faz referência é denominado Programa Ensino Médio Inovador (ProEmi). É de caráter experimental, baseado no art. 81 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que determina a permissão para organização de cursos ou instituições de ensino experimentais, desde que obedecidas as disposições da lei.

Não se trata, portanto, de simples modificações no currículo do ensino médio, como foi propagandeado pela mídia no período do seu lançamento.

Refere-se a mais um programa de governo (como o Escola Jovem, o Projeto Alvorada, o Mais Educação, que atende o ensino fundamental), e não uma política pública, como o Fundeb e a própria LDB. É certo que uma política como essa é materializada por meio dos programas de governo, mas ainda assim é importante ressaltar essa diferença, pois, por seu caráter de programa experimental, fica à deriva da vontade política dos governantes. Além do aspecto temporário, apresenta-se a situação de que a adesão é voluntária; parte dos gestores de cada escola a iniciativa de participar e ainda conseguir atender às exigências do Ministério. Ou seja, sendo ou não uma boa ação, é para poucos selecionados.

Procedimentos metodológicos da pesquisa

Este estudo foi realizado em duas escolas públicas que acolhem o ensino médio e que participam do ProEMI. Os sujeitos de pesquisa são estudantes da 3ª série, no turno diurno. Os jovens do Centro de Ensino B (CE-B)² foram entrevistados no final de 2012 e estavam concluindo o ensino médio neste ano. Os do Centro de Ensino A (CE-A) foram entrevistados no início do ano letivo de 2013, quando iniciavam a 3ª série do ensino médio. Os dois grupos de estudantes cursaram todo o ensino médio na escola pesquisada, excetuando uma aluna do CE-B.

Os questionamentos que nortearam a presente pesquisa foram os seguintes: como a participação no Programa Ensino Médio Inovador colaborou para a melhoria do ensino nas escolas pesquisadas? Qual a

² Os nomes das escolas foram omitidos para atender exigência feita pela gestão das escolas, a fim de preservar a identidade da instituição. Pelo mesmo motivo, os nomes dos alunos também foram trocados.

percepção dos estudantes sobre as mudanças ocorridas na escola com a atuação no Programa Ensino Médio Inovador?

As escolas selecionadas fazem parte da rede da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e participam do ProEMI desde sua implantação em 2009. Estão sob a responsabilidade de Coordenações Regionais de Ensino (CRE) diferentes: uma na CRE Plano Piloto/Cruzeiro e a outra na CRE Núcleo Bandeirante.

A partir de então, vem modificando positivamente suas taxas de rendimento e aprovação em provas de medição de qualidade (Enem, SAEB) além de aumentar o número de aprovados em vestibulares.³

É uma escola notoriamente privilegiada, pois conta com uma estrutura física única no Distrito Federal. Possui nove blocos, sendo três para salas de aula, com 23 salas, dois banheiros para alunos, dois banheiros para pessoas com deficiência, uma sala de assistência, uma sala para os professores, com dois banheiros, e uma copa para os alunos. Além disso, há um bloco administrativo, onde se encontra instalada a maioria dos setores que integram a atividade meio do colégio, bem como a direção, a assistência administrativa, a assistência pedagógica, a sala de recursos, a reprografia e os banheiros.

Encontram-se ainda em outros blocos: Associação de Pais e Mestres (Apam), arquivo passivo, banheiros, laboratórios de Biologia, Química, Física e Matemática, três laboratórios de informática (sendo um para uso exclusivo dos professores), secretaria escolar, sala de servidores da vigilância, sala de servidores da limpeza, biblioteca, auditório, sala de musculação, dois banheiros para alunos, dois banheiros para professores, sala para a coordenação dos professores, sala espelhada para aulas de teatro

³ Conforme o documento *Projeto de Reestruturação Curricular 2012*, fornecido pela escola.

e dança, sala de apoio a projetos e sala espelhada para dança ao fundo das piscinas. Há também dois vestiários, uma sala para professores de natação e para guarda de material, duas salas para o depósito, duas piscinas (uma semiolímpica e uma infantil, ambas com aquecimento e salinização) e, por fim, um ginásio coberto para ginástica olímpica. Atende, segundo os dados do Censo Escolar de 2012, apresentado no documento *Projeto de Reestruturação Curricular* (PRC), 1.329 alunos, distribuídos em 37 turmas nos turnos matutino e vespertino. Não há atendimento no turno noturno.

No PRC do CE-A, são desenvolvidos 19 projetos que atendem aos macrocampos indicados no documento orientador do ProEMI. A tônica dada à maioria deles é a de experiência direta e vivência das situações de aprendizagem. Seguindo essa perspectiva, são longos, abrangem o ano inteiro de preparação e são realizados em vários dias. Todos eles apresentam características de interdisciplinaridade, desenvolvem o protagonismo juvenil, pela necessidade de grande envolvimento e atuação dos jovens, e demandam muito empenho e trabalho árduo, tanto dos docentes quanto dos discentes.

A participação da escola no ProEMI viabilizou financeiramente a execução de vários desses projetos, o que antes ocorria apenas com recursos da Associação de Pais e Mestres. Além do financiamento dos projetos, a participação no Programa também permitiu à escola melhorias em sua estrutura, como a reforma das quadras, a salinização das piscinas e a instalação dos laboratórios de informática e de câmeras de segurança.

Assim como a escola anterior, o CE-B também faz parte do ProEMI desde a sua implantação em 2009 e igualmente demonstrou resultados positivos nas avaliações externas (PAS e Enem), expressados pelas notas dos alunos nessas provas.

Inicialmente construída em 1987 como escola classe, o CE-B foi diversificando seu atendimento à medida que seus alunos cresciam e ascendiam às séries posteriores. Assim, passou a atender, além do ensino fundamental, o ensino médio, a partir de 1996.

Atualmente a escola conta com um prédio com oito salas de aula, uma sala para biblioteca, banheiros para alunos, banheiros para professores e um laboratório de informática com vinte computadores e acesso à internet. Os recursos financeiros do estabelecimento são provenientes das verbas do programa PDDE/FNDE (Programa Dinheiro Direto na Escola), Mais Educação, do FNDE, Programa Ensino Médio Inovador, do MEC, e PDAF (Programa de Descentralização e Autonomia Financeira do Governo do Distrito Federal).

Segundo o Projeto Político-Pedagógico de 2012, os fios condutores do trabalho pedagógico são: planejamento interdisciplinar, aprendizagem significativa, incentivo ao hábito de leitura e avaliação formativa. E, de acordo com o mesmo documento, com a participação da escola no ProEMI, foi possível observar elevação da autoestima dos alunos e maior empenho e motivação, tanto para as ações dos projetos como na execução das tarefas escolares.

Foram selecionados jovens que estudavam na 3ª série do ensino médio no momento da entrevista. Entende-se que, por estarem finalizando a educação básica, esses estudantes tinham condições de se expressar de forma mais abrangente a respeito do ensino médio e do que essa etapa representou em suas vidas.

Um grupo de discussão foi realizado em cada escola, com a presença de quatro (CE-A) e cinco jovens (CE-B). Os encontros aconteceram na própria escola, no mesmo turno das aulas, para não comprometer a rotina escolar e, ao mesmo tempo, garantir a presença do maior número possível de estudantes.

O método documentário

Para alcançar o objetivo de verificar a representação que os alunos têm sobre o ensino médio, foi usado o método documentário de pesquisa e análise. Esse método surgiu a partir das reflexões de Karl Mannheim sobre a interpretação de visões de mundo. Mannheim (1982 apud WELLER, 2010, p. 54) conceitua “visão de mundo” como o resultado de um conjunto de vivências relacionadas à mesma estrutura, que também faz parte e é a base das experiências comuns dos indivíduos pertencentes ao grupo. Assim sendo, as visões de mundo surgem das experiências práticas sem uma racionalização teórica sobre o assunto, fazendo parte do conhecimento atóricico. Fica a cargo do pesquisador, por meio da interpretação, realizar a conceituação teórica desse conhecimento. Para realizar essa tarefa, o pesquisador deve encontrar uma forma de acessar esse conhecimento implícito, para assim explicá-lo e defini-lo teoricamente (WELLER, 2010, p. 55).

Para acessar o conhecimento implícito a respeito do seu objeto de estudo, o pesquisador deve ter em mente que a realidade é posta como algo complexo. Então ele deve perceber essa realidade em todos os níveis de complexidade. Nesse caso, Karl Mannheim diferencia a interpretação imanente da interpretação sociogenética da realidade. Postura imanente é aquela que faz parte da essência do sujeito ou do objeto e não pode ser diferenciada dele. A postura sociogenética é a análise que busca a origem da situação na sociedade ou contexto em que o sujeito vive, aprende e socializa.

Diante disso, o pesquisador deverá sempre perguntar *como* a realidade social se constrói, em vez de indagar sobre *o que* é essa realidade. O autor

diferencia a interpretação em três níveis distintos: o nível objetivo ou imanente, que é dado naturalmente (como num gesto, ou símbolo, ou obra de arte); o nível expressivo, transmitido por meio de palavras ou ações (como expressão de ou como reação a algo); e o nível documentário, como documento de uma ação prática (BOHNSACK; WELLER, 2010, p. 67).

O instrumento principal de coleta de dados será o grupo de discussão. Essa técnica foi muito utilizada por pesquisadores da Escola de Frankfurt, a partir dos anos 1950, praticamente no mesmo período em que surgiram os grupos focais (BOHNSACK; WELLER, 2010, p. 68).

O grupo de discussão é especialmente útil na pesquisa com jovens por permitir que as experiências sejam analisadas como um todo, de forma que o objetivo é apreender as opiniões enquanto elas se formam como representação coletiva, e não apenas como somatória de opiniões individuais. Weller (2010) afirma que:

As opiniões não são formuladas, mas apenas atualizadas no momento da entrevista. Em outras palavras: as opiniões trazidas pelo grupo não podem ser vistas como uma tentativa de ordenação ou como resultado de uma influência mútua no momento da entrevista. Essas posições refletem, acima de tudo, as orientações coletivas ou as visões de mundo do grupo social ao qual o entrevistado pertence. (WELLER, 2010, p. 69).

Dessa forma, é possível conhecer e analisar muito além das opiniões do grupo. Torna-se possível acessar as orientações coletivas e as visões de mundo compartilhadas e oriundas do meio social no qual os indivíduos

vivem e constroem suas experiências. Assim, os entrevistados passam para o patamar de representantes do meio social e não são mais simples detentores de opinião (WELLER, 2010). Esse novo modelo de interpretação e análise é diferenciado porque o entrevistado começa a exercer outro papel na pesquisa: ele é o sujeito ativo que contribui para a construção do conhecimento. Daí o nome método documentário, pois é a partir da interação dos indivíduos, de suas visões de mundo, expressas em suas falas, gestos, etc., que surgirá o documento por meio do qual o pesquisador fará sua análise. Assim sendo, o tom da pesquisa será delineado ao longo do processo.

Os grupos de discussão (GD)

O GD guarda muita semelhança com o grupo focal, principalmente em sua forma, já que se apresenta como um diálogo estabelecido entre muitos participantes. No entanto, diferencia-se em sua essência, tanto na postura do pesquisador como nos objetivos buscados com a pesquisa. No grupo focal, o pesquisador exerce o papel de mediador, conduzindo a entrevista para alcançar os objetivos traçados na pesquisa. Ele adotará uma postura definida por Mannheim como sociogenética ou funcional: deve intervir o menos possível e procurar fazer perguntas do tipo “como”, para que o foco da discussão recaia sobre a reflexão e a narração das experiências, em vez de perguntas do tipo “o quê” ou “por quê”, que levam apenas à descrição dos fatos (BOHNSACK; WELLER, 2010).

O GD apresenta em sua estrutura básica a centralidade da espontaneidade como valor principal na abordagem não diretiva; a importância do que se disse, levando em consideração também o não dito; e outros critérios de procedimento, como o de limitar a análise em poucos

aspectos da área estudada, pois assim se alcançará a profundidade na análise, o que inclui o critério de homogeneidade para a formação dos grupos (CALLEJO, 2001, p. 127).

Na pesquisa com jovens, o grupo de discussão emerge como uma ferramenta valiosa para proporcionar o acesso à visão de mundo dos sujeitos pesquisados. Isso ocorre porque o GD é uma técnica que prioriza a interação grupal, algo que é de extrema importância ao trabalhar com adolescentes. Segundo Javier Callejo, essa técnica revela dados que seriam inacessíveis sem a interação grupal. Dessa forma, o discurso a ser pesquisado é construído no momento da entrevista e é demonstrado pelo afloramento de uma identidade grupal, manifestada pelo “nós”, como forma de mediação entre os elementos do grupo e pela interação moderador-grupo (CALLEJO, 2001).

A análise dos grupos de discussão

O grupo de discussão pressupõe uma análise composta em várias etapas, para que seja alcançado um nível de profundidade que saia do intuitivo e alcance a interpretação e a reconstrução dos modelos e visões de mundo observados nas entrevistas. Assim sendo, Bonsack et al. (1989, 2007 apud Bonsack; Weller, 2010) organizou um método de interpretação, conforme explicitado a seguir:

Organização temática

Essa etapa pode ser subdividida em dois momentos. O primeiro acontece logo após a realização do grupo de discussão. Recomenda-se

que o pesquisador faça um relatório contendo informações a respeito dos seguintes aspectos: contexto em que foi realizado o contato com o grupo; quem fez esse contato; em que local o GD aconteceu; quais os participantes; e situação da discussão como um todo. Com o objetivo de coletar dados adicionais sobre os participantes, recomenda-se a aplicação de um questionário logo após a realização do GD. Com esse instrumento, há a possibilidade de elaborar um perfil dos participantes, o que facilitará a identificação das vozes e das falas durante a audição e transcrição do áudio, além de permitir o acesso a dados adicionais que podem auxiliar no entendimento da situação de vida deles e da construção de suas visões de mundo.

O segundo passo é a organização temática do GD. Esse momento pressupõe a identificação dos diversos temas surgidos durante a entrevista de grupo e a indicação de quanto tempo durou cada um dos temas, chamados de passagens. Também é necessária a identificação de subtemas, que podem surgir a partir do tema central. Além disso, é relevante a diferenciação entre os temas e subtemas ocorridos com questões introduzidas pelo pesquisador ou pelos próprios membros do grupo. Por esse caminho, o pesquisador fará a verificação e a documentação da “densidade metafórica” (grau de detalhamento das descrições ou narrações) e da “densidade interativa” (envolvimento dos participantes na discussão) (BOHNSACK; WELLER, 2010).

A organização temática é um importante instrumento, inclusive em termos de economia financeira e de tempo, pois, estabelecendo um relatório detalhado e uma boa organização temática, não será necessária a transcrição completa da gravação. Segundo Weller (2010),

de acordo com o método documentário, a análise de um tempo de discussão deve iniciar com a passagem inicial, seguida da análise das passagens ou metáforas de foco, e das passagens que discutem questões relacionadas ao tema da pesquisa. (WELLER, 2010 apud BOHNSACK; WELLER, 2010, p. 70).

Interpretação formulada

A primeira atividade da interpretação formulada é a organização temática da fala dos pesquisados. Da mesma forma, busca-se a sua decodificação, que é transmitida em vocabulário coloquial. Ou seja, o pesquisador descreve a fala dos sujeitos de pesquisa, traduzindo-a para uma linguagem que será compreendida por quem não pertence ao meio social pesquisado. Nesse momento, não são feitas comparações com outros grupos e o conhecimento do pesquisador sobre o grupo ou mesmo sobre o meio social e o tema pesquisados é deixado em segundo plano, para ser utilizado posteriormente.

Interpretação refletida

Após a descrição das falas dos participantes, o pesquisador faz uma reconstrução do *habitus* coletivo, ou melhor, da visão de mundo grupal que é construída e ressignificada ao longo do processo de socialização dos sujeitos e também durante todo o momento da entrevista. É na interpretação refletida que ele reconstrói, organiza e aprofunda o discurso, na medida em que identifica a forma como os participantes interagem e se

referem a si próprios e aos outros. Callejo afirma ser o momento em que os participantes passam do uso do “eu” para o “nós” (CALLEJO, 2001, p. 104). Essa mudança na maneira de discursar revela a integração do indivíduo no grupo e do papel da opinião do grupo em sua visão pessoal.

Assim sendo, Bohnsack e Weller (2010, p. 70) diferenciam os dois momentos de interpretação:

Enquanto a interpretação formulada analisa a estrutura básica de um texto (o que foi discutido), a interpretação refletida busca analisar tanto o conteúdo de uma entrevista (como foi discutido) como o quadro de referência (*frame*) que orienta a discussão, as ações do indivíduo ou grupo pesquisado e as motivações que estão por detrás dessas ações.

Análise comparativa

Durante o processo de construção da interpretação refletida, o pesquisador faz a análise de questões temáticas relevantes e também de padrões semelhantes ou mesmo de aspectos típicos do meio social. De tal modo, um modelo de orientação comum deve ser verificado por meio da comparação com outros grupos.

O passo seguinte do método documentário é a análise comparativa. Então o pesquisador deve buscar outro grupo e repetir o processo anterior, fazendo uma análise interna e depois comparativa de um tema em comum e da forma como foi discutido pelos diferentes grupos. A interpretação ganha forma e conteúdo ao serem utilizados vários casos empíricos por meio da análise comparativa (BOHNSACK; WELLER, 2010).

As entrevistas nos grupos de discussão

Estas passagens foram escolhidas a partir da análise feita na pesquisa realizada em 2012 e 2013. A escolha para este capítulo foi feita com o objetivo de responder unicamente aos questionamentos levantados no seu início: como a participação no Programa Ensino Médio Inovador colaborou para a melhoria do ensino nas escolas pesquisadas? Qual a percepção dos estudantes sobre as mudanças ocorridas na escola com a sua participação no Programa Ensino Médio Inovador?

Os códigos usados na transcrição (anexo 1) são importantes para entender a dinâmica da entrevista e da fala dos jovens. O primeiro grupo apresentado é o grupo Trilhas e rumos e, em seguida, apresenta-se o grupo Sempre juntos. Transcrevemos e analisamos todas as respostas de um e depois do outro e, por último, realizamos a análise comparada dos dois.

Grupo Trilhas e rumos

No próximo trecho, o debate foi sobre a participação da escola no Programa Ensino Médio Inovador. Perguntou-se o que os jovens sabiam sobre esse assunto e como era a atuação da escola depois da entrada no Programa.

Y:⁴ Então: vocês sabem que essa escola participa de um programa do governo federal (.) que é chamado Programa Ensino Médio Inovador (.)

⁴ Os códigos usados na transcrição das entrevistas estão listados no anexo 1, ao final deste capítulo.

Vocês poderiam falar o que vocês sabem sobre esse assunto

Am: Eu não sei @nada@

Af: @(.)@

Ef: O Jorge sabe

Am: Fala aí Jorge

Ef: Vai Jorge

Af: @(.)@

Jm: Piorô (.) Eu não sei nada(.) Eu tô ded- eu ã: tirar- tiraria as minhas conclusões é tipo: do: do nome (.) Ensino Médio: (.) Inovador e pá que é: os: os professores eles meio que: puxam mais dos alunos aqui do que eu consideraria de outros colégios=Eu não conheço (.) a fundo os outros colégios mas eu consideraria o CE-A (.) um colégio que puxa mais do que os demais colégios (.) porque: ele quer ver sei lá: o: suce:sso e: mesmo alguns professores que sejam tipo (.) ((imitando o professor)) á: façam as coisas aí: tipo a A.

Ef: @(2)@

Jm: aí tipo: tem uns professores que são be:m (1) e também é: os professores eles buscam muito é: dá o conhecimento: de forma bem clara pro aluno (.) e se o aluno não entende o professor vai lá e tenta explicar tem uns professores que não mais é:

Ef: o () não. Quando você faz uma pergunta ele te olha tipo: (.) que pergunta idiota é essa.

- Jm: É tipo isso, nossa (.) Dá uma (.) dá uma raiva que ele tá ali prá leciona:r e te ensina:r e pá (.) se você não entender ele tem que te ensinar de novo (.) ele tem
- Am: Acho que é esse colégio é inovador porque ele te:m muitos projetos que outros (.) outros colégios não possui eu sei que não possui porque eu conheço pessoas que estudam em outros=outros ensino médio aqui de Brasília (.) E esse colégio aqui tem projeto demais é: tem teatro, tem SAC, tem caminhadas que o pessoal sai por uma semana de caminhada (.) é uma semana?
- Ef: É tipo isso
- Am: É uma semana (.) a caminhada Jorge
- Jm: É (1) Não (.) é duas (.) quatorze dias (.) É isso aí
- Ef: Á é
- Am: Duas (.) duas semanas fora do colégio(.) fora de casa...
- Jm: Sem celular sem computador
- Am: Sem nada
- Ef: dormindo em barraca
- Am: Mas eles fazem prá:: prá mostrar mais sobre:
- Jm: que você pode viver sem celular e sem computador
- Ef: @(1)@
- Jm: andando por mais de 300 km
- Am: o objetivo é mostrar...
- Ef e Af, Jm: ((falando e rindo ao mesmo tempo))

Am: deixa eu falar gente (.) é o patrimônio né da cidade:de tem lugares aqui em Brasília que a gente não conhecia (.) a gente mora aqui e não conhece né (.) mas eles levam a gente para essas cidade:des na caminhada (.) e eu acho que esse colégio é inovador por causa disso (.) porque tem muito projeto e eles sempre buscam (2) informar mais a gente

A princípio todos sinalizam que não sabem nada. Depois afirmam que Jorge deve saber e pedem que ele fale. Jorge diz que pode apenas deduzir do que trata o Programa, levando em consideração o nome que ele tem: Ensino Médio Inovador. Sua dedução advém do fato de essa escola ser mais difícil do que a média das escolas públicas do Distrito Federal, o que considera algo inovador, por não conhecer nenhuma outra que atue da mesma forma. Jorge elogia os professores, que, segundo ele, sempre ensinam da melhor maneira possível, com exceção de um professor que se recusa a responder às perguntas dos alunos. Os estudantes percebem o desprezo desse professor e têm consciência de que esse não é o papel que ele deveria exercer.

Alisson intervém dizendo que acredita que a escola é inovadora porque ela tem muitos projetos que as outras não têm. Ele cita vários projetos e se detém especialmente no Projeto Passagens, que consiste em uma viagem a pé por cidades vizinhas ao Distrito Federal. A caminhada é realizada durante duas semanas em que os alunos acampam nos lugares, ficando totalmente isolados.

Esse é o momento de maior interação entre os jovens durante a entrevista. Alisson tenta explicar como acontece o projeto, o motivo

pelo qual existe na escola e a atividade da caminhada. Jorge interfere dizendo que a finalidade do projeto é mostrar a possibilidade de viver sem celular e sem computador. Todos riem e falam ao mesmo tempo. Alisson se impõe para conseguir a atenção dos colegas. Finalmente expõe que o objetivo do projeto é mostrar um patrimônio do Distrito Federal que poucas pessoas conhecem.

O discurso do grupo demonstra o desconhecimento sobre o Programa Ensino Médio Inovador. Eles avaliam apenas a atuação de sua escola. Trata-se de uma visão particularizada, sem ligação com o complexo social que ocorre como suporte para a existência do Programa na escola. A importância e o significado do ProEMI são deduzidos a partir de seu nome, mas, quando os estudantes avaliam a atuação da escola, esta se torna desvinculada do programa governamental; a escola e a iniciativa dos professores passam a ser considerados inovadoras, e não o programa, ou mesmo o ensino médio como um todo.

A escola é considerada inovadora por ter uma identidade diferenciada das demais, mesmo que suas iniciativas tenham sido construídas ao longo do tempo, muito antes da sua ligação com o Ministério da Educação por meio do ProEMI. Dessa maneira, o que os alunos percebem é a identidade da escola, não propriamente a atuação dela no Programa.

Grupo Sempre juntos: “a entrada do Ensino Médio Inovador [...] ele meio que abriu a cabeça da gente”

O grupo Sempre juntos apresenta uma interação mais intensa que o grupo Trilhas e rumos. Neste, é possível captar a opinião de cada um dos indivíduos separadamente; naquele, a opinião individual e a

opinião grupal se encontram de forma tão coesa que não é possível analisar as falas individualmente, pois elas se completam, formando um todo orgânico.

No trecho a seguir, os estudantes foram questionados sobre o conhecimento do ProEMI e sobre o que poderiam falar sobre esse assunto.

- Y: É: vocês sabem que esta escola participa de um programa do governo federal né que é o Programa Ensino Médio Inovador vocês sabem disso
- ?m: Sim a gente já ouviu falar
- Y: É: vocês poderiam falar o que vocês sabem sobre esse assunto sobre esse programa
- Kf: É:: bom desde o primeiro ano (.) que:: a direção propôs esse:: (.) chegou nessa aula e f- conversou com a gente sobre esse projeto Ensino Médio Inovador (.) eles tavam querendo (.) é meio que:: (.) é:: (1) como é que eu posso dizer
- ?m: conscientizar
- Kf: não não é conscientizar é meio que:: (1) abrir a nossa cabeça pra pra outros meios entendeu é tipo (1) é:: (.) não ficar só preso aqui à escola tanto é que:: é:: teve a viagem a gente fez uma viagem pra Pirenópolis no primeiro ano que foi pra desco- descobrir entre aspas redescobrir as origens do:: do Planalto Central da capital (.) é: (.) falando sobre a:: (.) a missão Cruls né que foi lá em Pirenópolis (.) e aí a gente fez a- a gente

viajou, a gente pesquisou fez umas pesquisas lá e a gente voltou (.) e aí a gente apresentou isso aqui e a gente fe- compôs músicas relacionada a isso (.) e a gente apresentou nas áreas lá de baixo que: que é: na mesa (.) nos pontos (.) é:: (2) como é que fala (1) nos ponto- num é (1) ,nos pontos mais conhecidos aqui da da dali de baixo. (.) já no segundo ano o projeto do-=eu deu mais uma enfraquecida porque não teve a viagem assim não foi (.) voltado pra pra lugares de fora foi mais fechado aqui. em si

Þm: mais na vila⁵

Kf: no C. (.) foi mais fechado pra cá foi uma pesquisa que a gente fez relacionado aqui ao C. (.) é: sobre: (.) ori:gens (.) é: produçã:o (.) é: empre:go (.) alimentação esse tipo de (.) esse tipo de coisa relacionado só a aqui (.) no C. e esse ano teve o projeto saúde e vida que foi que relacionou tudo fechou tudo (.) perguntando pra ti pra vc o que é qualidade de vida (.) foi uma apresentação assim (.) que (.) motiv- f- foi a escola inteira não foi só o ensino médio motivou de quinta [série] a terceiro ano (2) que foi o que pegou mais (2)

Jm: é a diferença que ela falou que o primeiro pro segundo e o terceiro ano (1) o primeiro que foi

⁵ O nome do local foi suprimido para preservar a identidade da escola.

dito pela direção que o primeiro teve a viagem por causa da verba (.) que o governo tinha mandado uma verba muito boa no primeiro ano (.) já no segundo não teve essa verba (.) e no terceiro como tinha entrado mais escolas (.) pra: pra Ensino Médio Inovador, a verba já veio menor veio pela quantidade de aluno. (1) e: e assim (.) o: projeto Ensino Médio Inovador mostrou pra gente também abriu muito a nossa mente (.) porque desde o primeiro ano a gente luta por um parque ambiental lá embaixo (1) porque: nossa apresentação a gente até foi na mesa (1) foi na ponte JK (.) e:

?: na ponte JK

Vm: na mesa JK

Jm: na mesa JK e vimos que: (.) tava tipo: (3)

Kf: degradando o pessoal

Jm: é isso

Kf: eles eles (.) querem o lugar mas eles não cuidam

Jm: cuidam

Kf: entendeu (.) por exemplo eu fui lá:

Jm: então tem muita gente que desce lá faz trilha destroem e tal (.) e não tinha ninguém lutando por isso tinha até alguém querendo invadir pra construir lotes (2) e nisso tem um professor que ele é:: (3)

Kf: ele é praticamen- ele é::

Vm: ele é filho do-de pioneiro daqui

- Kf: ele é é pioneiro daqui
- Vm: ele ()
- Kf: ele luta pelo é por esse (.) pelo C. em si desde 1995 há 17 anos ele tá nessa luta e aí co:m (.) a entrada do Ensino Médio Inovador (.) ele me-ele se (.) ele meio que abriu a cabeça da gente em si entendeu (.) tipo cara o que é que a gente tá fazendo a gente tá destruindo um lugar que é nosso (.) que a gente devia tá cuidando (.) e aí entrou nessa luta com o professor entendeu então foi muito mais gente em si (.) o projeto meio que abriu a cabeça das pessoas assim então tipo o C quase inteiro metade do C foi tá mobilizado contra esse negócio lá de baixo contra essa criação de lo:te (.) e aí o pessoal faz mutirão pra limpar lá embaixo inclusive a gente tá marcando um pra mesa porque eu fui lá (1) terça-feira e: tinha latinha de cerveja sujeira lá (.) ainda e tinha a sujeira da chuva que é normal porque ((grito)) né mato (.) mas é isso que a gente tem que tem que cuidar tem que procurar (1) é: igual o João falou (.) a gente já tentou esse negócio do do parque (.) na: já entrou com um recurso no: no Ministério Público e em vários órgãos lá e: (.) é isso a gente tá nessa luta aí engajou nessa luta com o professor e tá aí até hoje

Os alunos do CE-B já tinham ouvido falar do ProEMI, pois a diretora já havia conversado com eles sobre o Programa e sobre o que seria realizado na escola com a sua participação.

Segundo Keila, o objetivo da direção da escola é que a “cabeça” dos alunos pudesse se abrir para novas descobertas e não ficasse restrita ao local em que eles vivem. Por isso, foi organizada uma viagem para Pirenópolis com o intuito de redescobrir as origens do Planalto Central, focando na Missão Cruls. Foi feita, no local da viagem, uma pesquisa de campo. No retorno, os alunos tiveram oportunidade de apresentar os resultados dessa pesquisa e outras produções artísticas para a comunidade escolar, não só na vila em si, mas em outros locais da região.

No segundo ano, os jovens relatam que o projeto ficou mais restrito e, segundo o entendimento que tiveram com a direção da escola, isso aconteceu devido a uma restrição na verba recebida. Então, o projeto foi mais direcionado para a comunidade onde eles habitam, para as origens, produção, geração de empregos, qualidade de vida e proteção ambiental da região.

Dessa forma, os alunos fazem a avaliação do que o Programa Ensino Médio Inovador proporcionou a eles, uma nova visão de mundo e um relacionamento mais sistêmico com o local em que vivem. Permitiu que eles se engajassem de forma mais direta na luta pela preservação ambiental da região e pela criação de um parque ecológico, além do tombamento de um local específico do qual eles gostam muito, de procura constante e rotineira para fruição e lazer.

Para que o objetivo da preservação ambiental fosse alcançado, os alunos citam a presença marcante de um dos professores da escola, que é filho de pioneiros da região e luta por essas causas há mais de uma década.

Escola e ProEMI em perspectiva comparada

Cada um dos grupos de discussão vivencia projetos diferentes em suas escolas. O grupo Trilhas e rumos, composto por alunos do CE-A, participa do projeto Passagens, que consiste em um estudo aprofundado do patrimônio histórico e cultural de cunho material e imaterial do Planalto Central. Pelo Projeto Político-Pedagógico da escola, pode-se perceber que teve sua forma alterada ao longo dos anos, mas não sua essência. Ao contrário, houve ampliação com os recursos do ProEMI, o que possibilitou a participação de um número maior de alunos na caminhada.

O grupo Sempre juntos, composto por alunos do CE-B, analisa o projeto Saúde e vida, que consiste na apreciação e na busca de soluções de qualidade de vida e preservação do ambiente na comunidade em que a escola está localizada e teve início com a ideia do encontro com as origens do Distrito Federal. Com esse objetivo, foi planejada uma viagem à cidade de Pirenópolis, onde os alunos tiveram a oportunidade de realizar uma pesquisa de campo, cujos resultados foram posteriormente apresentados à comunidade escolar. Segundo o relato dos alunos, a verba destinada ao CE-B foi reduzida, optando-se por simplificar o projeto, voltando-o mais para a análise e crítica da qualidade de vida local.

A respeito do ProEMI, as percepções dos dois grupos são divergentes. O grupo Trilhas e rumos não conhece o Programa. Apenas deduz o que possa vir a ser a partir do nome Ensino Médio Inovador e não demonstra perceber a dimensão do Programa em sua escola e, menos ainda, em nível nacional. De certa forma, o fato de o CE-A ser uma escola que atende apenas ensino médio contribui para a visão restrita dos estudantes sobre o assunto, pois foram matriculados no primeiro ano

de execução do ProEMI, em 2010. Além disso, o Projeto Passagens, ao qual eles dão mais ênfase, já fazia parte do Projeto Político-Pedagógico da escola. Diante disso, os jovens do grupo Trilhas e rumos não têm elementos para construir uma visão ampliada, que possibilite a comparação da situação da escola antes e depois do Programa.

No entanto, o grupo Sempre juntos apresenta um percurso mais longo na mesma escola. Os alunos desse grupo já estudavam nela quando foi contemplada com a participação no ProEMI. Mesmo no ensino fundamental, conviviam cotidianamente com os alunos do ensino médio e puderam perceber as mudanças. Devido à carga horária, os mesmos professores que dão aula no ensino fundamental também lecionam no ensino médio. Além disso, essa escola já tem uma cultura de aproximação com a comunidade escolar e com os estudantes. Um exemplo é a participação da comunidade na elaboração do Projeto Político-Pedagógico e o relato dos alunos de que a diretora conversou com eles sobre o Programa. Portanto, embora sem perceber a dimensão dessa iniciativa em nível nacional, em um patamar restrito, os estudantes demonstram perceber que há algo para além da direção da escola que orchestra a atuação do Programa; eles têm, por exemplo, consciência de que as mudanças ocorridas no andamento do Projeto Saúde e Vida foram consequências das transformações nas bases financeiras do Programa.

Cada grupo tem representações diferenciadas sobre os projetos desenvolvidos nas respectivas escolas e as consequências que estes acarretam em suas vidas pessoais. O grupo Trilhas e rumos não demonstra grandes transformações de comportamento ou mesmo conhecimentos agregados a partir do Projeto Passagens, que foi analisado mais detalhadamente na fala dos estudantes.

O projeto principal do CE-B apresentou uma alteração de foco significativa de um ano para outro. É sobre essa segunda fase que o grupo Sempre juntos apresenta suas impressões. Os resultados mais evidentes foram a alteração de comportamento gerada nos alunos a respeito da preservação ambiental da região e a atitude de protagonizar a mudança que eles querem construir nas suas vidas. Como consequência, tem-se a incorporação do conhecimento formando um hábito rotineiro na vida dos jovens.

Considerações finais

Olhar o ensino médio na atualidade é um desafio necessário e, talvez, urgente. Vários índices sociais, como desemprego e criminalidade, envolvem a juventude como um todo. Por outro lado, as políticas públicas que beneficiam especificamente os jovens são incipientes e se perdem em meio a outras demandas sociais.

Nessa conjuntura, a escola ainda é o espaço e o tempo de convivência juvenil. Nesse sentido, a representação que os estudantes constroem sobre ela torna-se relevante para a recuperação da identidade dessa instituição, especialmente a de ensino médio. O momento vivido pelos estudantes durante o ensino médio é um período de construção e descobrimento de sua própria identidade.

Várias foram as tentativas governamentais de modernizar o currículo e torná-lo mais atrativo. O ProEMI vem ao encontro dessa expectativa, uma vez que este Programa estabelece a destinação de recursos financeiros às escolas públicas a fim de apoiar e fortalecer o desenvolvimento de propostas curriculares inovadoras no ensino médio.

Um dos grupos de discussão, o grupo Trilhas e rumos, não demonstra entendimento sobre o Programa. Ao serem questionados sobre esse assunto, os estudantes tentam deduzir do que se trata apenas pelo adjetivo “inovador”, mas apresentam a concepção de que a inovação é da escola. Esse grupo não faz alusão ao fato de esse ser um Programa federal, que acolhe muitas outras escolas, nem mesmo de que a escola recebe incentivos financeiros para a execução dos projetos.

A presença do Programa na escola transparece para os estudantes dos dois grupos apenas em sua materialização na forma dos projetos. No grupo Trilhas e rumos, a omissão em relação ao Programa na condição de política pública ocorre, primeiramente, porque o Projeto Passagens já existia na escola antes da chegada dos estudantes na instituição. Então esses jovens já tinham sido inseridos no projeto, que já estava em andamento. Em segundo lugar, há desconhecimento do Programa como política pública porque aparentemente não houve comunicação oficial da equipe gestora para os estudantes a respeito dos trâmites por trás dos projetos da escola.

O grupo Sempre juntos relaciona a existência dos projetos da escola com as políticas públicas por motivos opostos aos do grupo Trilhas e rumos. Esses jovens já estudavam no CE-B antes da implantação do Ensino Médio Inovador. Logo, eles acompanharam como o projeto foi implantado e as mudanças ocorridas na escola foram visíveis aos seus olhos. Também contribuiu o fato de a escola ser pequena, o que proporciona grande proximidade entre a equipe gestora e os estudantes. Os jovens relatam que a diretora comunicou formalmente que a escola tinha sido selecionada para participar do Programa e, além disso, no ano seguinte, explicou que a viagem não seria executada, por causa da diminuição no valor da verba.

As alterações físicas ocorridas no CE-A do grupo Trilhas e rumos foram relatadas pela diretora em conversa sobre o Programa e na leitura do Projeto Político-Pedagógico, mas não há menção de nenhum fato relacionado a isso na fala dos estudantes.

Embora haja envolvimento da sociedade e da comunidade escolar no Projeto Passagens, não foi possível perceber uma transformação significativa no comportamento dos estudantes entrevistados no grupo Trilhas e rumos (obviamente esse fato também se deve à limitação do tempo e do número de pessoas participantes do grupo de discussão).

No grupo Sempre juntos, o ProEMI é apresentado como um fator fundamental na vida dos alunos. Pelos relatos destes, é possível observar uma mudança duradoura no seu comportamento. Os jovens sabem que a execução do projeto da escola tem um aparato financeiro custeado por verba pública e até se ressentem pela sua descontinuidade por esse motivo. Eles apresentam, dessa forma, uma percepção mais ampliada sobre o assunto.

No entanto, o fato de os alunos não terem uma concepção formulada sobre o Programa não diminui seu valor. O que se pode apreender dessa situação é que a importância do Programa reside na disponibilização de dinheiro para a escola. Com esse incentivo, foi possível a execução de projetos que construíram uma aprendizagem significativa para os jovens. Mas, na verdade, eles não estão interessados em quem paga a conta. Os estudantes do grupo Sempre juntos sabem quem paga, mas falam pouco sobre isso, pois, na verdade, só estão pesarosos porque, quando as coisas dão errado nos trâmites burocráticos acima do seu alcance de influência, são eles que perdem, que não viajam. Os jovens do grupo Trilhas e rumos não demonstram saber de onde vem o dinheiro para a reforma da quadra de esportes e da piscina, mas gostam de estudar numa escola que tem essas opções.

Outra condição que possivelmente distancia os jovens do ProEMI é o fato de que os projetos das duas escolas não foram partilhados com eles em sua concepção e, no caso do grupo Sempre juntos, a existência do projeto foi apenas comunicada aos estudantes. Essa situação leva à sensação de não pertencimento dos alunos em relação ao que acontece em suas escolas.

Como viabilizar a vivência da condição juvenil de forma saudável e ao mesmo tempo iniciar os jovens nos trâmites da vida adulta? Como tornar a escola realmente eficiente no mundo moderno? O que e como deve ser ensinado? Qual é a função da escola em meio à sociedade informacional e conectada em que vivemos hoje? Responder a essas questões torna-se algo urgente para alcançar uma educação de qualidade efetiva, mesmo que seja necessário assumir a possibilidade de que a solução esteja fora dos muros da escola ou de que ela não possa resolver tudo sozinha.

A estrutura física adequada é de grande importância principalmente porque, em geral, as escolas de ensino médio têm muitos alunos, por serem poucas. Então, os espaços de aula, de convivência e de atividades físicas precisam de tamanhos próprios para o público adolescente. Fazem-se igualmente necessários estímulos aos sentidos, como painéis artísticos, grafites e momentos musicais.

Da mesma forma, para o desenvolvimento do protagonismo juvenil tão festejado nos documentos oficiais, especialmente no Parecer nº 5/2011 e na proposta do ProEMI, é imprescindível não só o espaço físico, mas também a disposição para arcar com as consequências do processo que essa nova atitude envolve. Protagonismo juvenil inclui, por exemplo, participação do sujeito jovem no planejamento da escola e nas decisões a serem tomadas. Ou seja, a equipe gestora e os professores têm de readequar sua percepção em relação aos estudantes, encarando-os não mais como atores

obedientes ou seres sem luz, porém como agentes e sujeitos do próprio destino, possuidores de sabedoria suficiente para se colocarem no mundo e o construírem de acordo com suas necessidades reais.

A reformulação da escola de ensino médio em termos de protagonismo juvenil e de estrutura física adequada pode ser um caminho iluminado na construção de uma escola eficiente para os jovens atuais. Na avaliação feita neste trabalho, o ProEMI demonstra ser um bom início na idealização dessa escola para jovens. No entanto, percebe-se a falta de uma base legal que proteja o Programa e os benefícios que ele traz às escolas, diante da oscilação política que envolve os trâmites governamentais. Da mesma forma, se faz urgente a ampliação do Programa, de modo a atender todas as escolas de ensino médio, até o ponto de se tornar a regra, e não mais a exceção.

Referências

BAUMAN, Zygmunt; MAZZEO, Riccardo. *Sobre educação e juventude*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BOHNSACK, Ralf.; WELLER, Wivian. O método documentário na análise dos grupos de discussão. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (org.). *Metodologias qualitativas da pesquisa em Educação*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 67-99.

BRASIL. Lei 9.394/1996. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, 1996.

BRASIL. Parecer CNE/CEB nº 15/1998. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Brasília, 1998.

BRASIL. *Ensino Médio Inovador* – Proposta preliminar. Brasília, 2009.

BRASIL. Parecer CNE/CP nº 11/2009. *Proposta de experiência curricular inovadora do ensino médio*. Brasília, 2009.

BRASIL. Parecer CNE/CEB nº 5. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Brasília, 2011.

BRASIL. *Programa Ensino Médio Inovador* – documento orientador. Brasília, 2011.

BRASIL. *Programa Ensino Médio Inovador* – documento orientador. Brasília, 2013.

CALLEJO, Javier. *El grupo de discusión: introducción a una práctica de investigación*. Barcelona: Ariel, 2011.

LARA, Graziela Jacynto. ...*A gente não quer só comida...: estudo da representação dos estudantes sobre o Ensino Médio Inovador*. 211 f. 2013. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão da Educação Básica). Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão: aportes teóricos e metodológicos. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (org.). *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 54-66.

Anexo 1: Códigos utilizados na transcrição dos grupos de discussão

Y	Entrevistador
Am/Bf	Abreviação para entrevistado/entrevistada. Utiliza-se “m” para pessoas do sexo masculino e “f” para pessoas do sexo feminino.
?m ou ?f	Utiliza-se quando não houve possibilidade de identificar a pessoa que falou.
(.)	Um ponto entre parênteses expressa uma pausa inferior a um segundo.
(2)	O número entre parênteses expressa o tempo de duração de uma pausa (em segundos)
;	Ponto e vírgula: leve diminuição no tom de voz.
.	Ponto: forte diminuição no tom de voz.
,	Vírgula: leve aumento no tom de voz.
?	Ponto de interrogação: forte aumento no tom de voz.
exem-	Palavra foi pronunciada pela metade.
exe:::mplo	Pronúncia da palavra foi esticada (a quantidade de ::: equivale o tempo de pronúncia de determinada letra).
assim=assim	Palavras pronunciadas de forma emendada.
exemplo	Palavras pronunciadas de forma enfática são sublinhadas.
°exemplo°	Palavras ou frases pronunciadas em voz baixa são colocadas entre pequenos círculos

exemplo	Palavras ou frases pronunciadas em voz alta são colocadas em negrito.
(exemplo)	palavras que não foram compreendidas totalmente são colocadas entre parênteses.
()	parênteses vazios expressam a omissão de um palavra ou frase que não foi compreendida (o tamanho do espaço vazio entre parênteses varia de acordo com o tamanho da palavra ou frase).
@exemplo@	Palavras ou frases pronunciadas entre risos são colocadas entre sinais de arroba.
@2@	Número entre sinais de arroba expressa a duração de risos assim como a interrupção da fala
((bocejo))	Expressões não verbais ou comentários sobre acontecimentos externos